



RELAÇÕES ENTRE A ESPIRITUALIDADE A ACÇÃO DAS FUNDAÇÕES-TERCEIRO SECTOR, NA PERSPECTIVA DO HOMEM COMO SER SOCIAL

Quando recebi o convite para participar neste evento tinha pensado fazer uma elaboração teórica sobre o tema que me foi dado. Mas as coordenadas espaço/tempo mudaram com o dia 11 de Setembro. É, por isso, a um exercício prático que me vou dedicar. Daí as descontinuidades visíveis de temas que vou referir e de estilos que vou utilizar. Circularrei, como num labirinto, entre as emoções fortíssimas do tempo actual e as reflexões que suscitam, percorrerei alguns caminhos da espiritualidade e da acção das Fundações-Terceiro Sector, encontrarei ao longo deste percurso a vários aspectos da globalização que nos têm preocupado ao longo dos últimos 10 anos e como afectam a nossa percepção do ser humano como ser social.



CONTEXTO INTERIOR E EXTERIOR

Qualquer reflexão é sempre contextualizada no tempo e no espaço. Reflectir tão perto da imensa tragédia do dia 11 na espiritualidade e acção das Fundações é convocar aqui o que nos foi mostrado e nos deixou, no mundo inteiro, presos de interrogações e emoções, inquietos e perplexos, tomados por uma grande compaixão. E porque tomados por essa compaixão aí iniciamos um itinerário espiritual, paralelo aos tempos que vivemos.

A espiritualidade ganha corpo nessa interrogação e nessa perplexidade. Não é uma abstracção, algo que se desliga da realidade, que se liberta das condições concretas da vida. Enraíza-se no acontecimento. Interpela-o por dentro, nas suas causas, na sua opacidade, na sua própria perversidade. E aí adquire lucidez, clareza, inteligência das coisas.

A emoção traz algo mais à espiritualidade. Dá-lhe uma dimensão de empatia com os outros, com o seu sofrimento, e, assim, faz transcender a simples materialidade da existência. Liga os humanos entre si, Exprime laços que fundamentam a própria existência. Foi isso que aconteceu nas últimas semanas em que a emoção conduziu a níveis de espiritualidade pouco comuns no dia-a-dia de vidas tomadas umas pelas exigências da mera

sobrevivência, dominadas outras pelas pelo carácter envolvente da ganância e da ideologia do 'sempre mais'.

Foram muitas as pessoas que, pelo mundo fora, manifestaram atitudes e sentimentos brotando espontaneamente desse primeiro nível de espiritualidade.

E assim vimos e reconhecemos manifestações que emanaram de uma atitude espiritual.

Vimos flores em lugares simbólicos, a lembrar a beleza de cada vida, e a de tantas vidas a quem não sobrou tempo para viver uma longa história...

Vimos velas a arder como chamas de vida, replicando de outro modo o respeito e a dor pelos milhares de seres humanos que nas torres, no Pentágono, nos aviões-bombas humanas, se transformaram em fogo de morte e de destruição.

Vimos pessoas reunidas diante de Deus a clamar a sua desolação e a pedir conforto perante o absurdo da catástrofe que se abateu sobre tantos milhares de inocentes.

Também ontem quando o nosso colega do Paraguai nos convocou para um minuto de silêncio, foi um momento verdadeiramente espiritual. Atravessou-nos o espírito a fragilidade da existência, a morte inesperada e inexplicável de gente como nós - pôs-nos perante a nossa própria morte. Não sei se foi um minuto de silêncio ou mais tempo, mas senti que o silêncio era absoluto. Para mim, o apelo à transcendência foi fortíssimo. Parecia-me ouvir ressoar as palavras de Angelus Silesius, místico alemão do século XVII:

'Agir é bom.

Rezar é melhor.

Mas o melhor de tudo é permanecer mudo e quieto diante de Deus.'

A experiência que o mundo está a viver leva aos fundamentos da espiritualidade, à experiência de uma comunhão com todos os humanos. Álvaro de Campos o heterónimo de Fernando Pessoa que, envolvido na materialidade do seu trabalho de engenheiro procurava a transcendência, descreveu-a assim:

"Tudo o que é humano me comove, porque sou humano.

Tudo me comove porque tenho,

Não uma semelhança com ideais ou doutrinas

Mas a vasta fraternidade com a humanidade inteira."



O que o poeta-engenheiro-filósofo nos diz é a afirmação da existência humana tal como Merleau-Ponty, entre outros, a definiu: ‘eu-com os outros-no mundo’. O ‘eu’ é a consciência do sujeito, é o progressivo caminho para um centro sem o qual a existência não tem consistência, é a unidade de uma história, projecto e devir. O eu-com os outros vai mais além - é a inequívoca dimensão de uma relação que não é escolhida mas um dado da própria vida. Essa relação situa-se no mundo, na articulação com as suas múltiplas coordenadas.

Era o que significava ontem o Rudolfo, quando dizia:

“...nascemos para estarmos unidos.”

A espiritualidade pareceu ter-se esvaziado ao serem ultrapassadas todas as condições materiais em que ela assenta:

- a segurança das pessoas como expressão primeira da dignidade do ser humano, dignidade de que nascem todos os seus direitos;
- o primado do direito e da justiça sobre a barbárie;
- os mecanismos que impedem os actos loucos e assassinos;
- a existência de Estados que cumpram a sua função fundamental de respeitar, defender e promover todos os direitos das suas populações.

Fundação Cuidar o Futuro

Como é possível reflectir sobre a espiritualidade quando nos acolhemos passivamente à sombra do Estado a quem atribuímos todos os erros e todas as faltas sabendo nós que o estado é a emanção da sociedade e reflecte as suas falhas e as suas virtualidades? Como é possível aprofundar a espiritualidade quando, moldados pela terminologia da ideologia dominante, tomamos o mercado como capaz de se auto-regular e dele falamos como se de uma pessoa se tratasse? Nos anos 90 Jacques Attali escrevia sobre a nova ordem mundial considerando-a como “a ordem do dinheiro”. À sua maneira indicava-nos que na época de transição, de viagem de um mundo a outro, repetíamos o gesto milenário de adoração ao bezerro de ouro. Materialismo mais fundo do que aquele que durante 50 anos o mundo ocidental combatera. Mais fundo porque, sob o véu da liberdade, se sujeitava cada vez mais um número crescente de humanos à crueldade da mera sobrevivência.

Paralelo à crise da espiritualidade e, a uma primeira leitura, oposto a ela, abre-se, na década de 90, a série ininterrupta de Conferências das Nações unidas, que julgámos percursora de uma agenda do séc XXI.



Essa agenda parecia anunciar uma acção voltada para a pessoa humana como ser social.

Pois não é certo que todas essas Conferências apontavam para a centralidade da pessoa humana tanto nas políticas públicas como na própria concepção teórica da temática que as orientava? Assim define-se, pela primeira vez a criança como sede de direitos próprios, reconhece-se na Carta da Terra e na Agenda 21 o ambiente como contexto de todas as políticas, afirma-se pela primeira vez na história os direitos da mulheres como direitos humanos, decide-se que as decisões relativas à procriação pertencem aos seres humanos e não aos Estados, formula-se o desenvolvimento social orientado para a pessoa humana.

Mas todas essas intenções apesar das boas vontades não conseguiram transformar-se em acção eficaz.

A cultura ambiente fêz desaparecer esse élan transformador. É minha convicção que a essa ineficácia não foi indiferente o adormecimento da espiritualidade.

Nesse processo foram rejeitadas as referências éticas que revelam dimensões várias todas elas convergentes.

Cada pessoa é cada vez mais guiada pelo individualismo, pela exaltação do seu próprio eu, erguendo fronteiras que excluem o outro. A divisão em classes sociais antagónicas deu lugar à exclusão, substantivo abstracto que esconde que, em situação dita de exclusão, há inevitavelmente quem exclua alguém. A pessoa humana como ser social não pode ser reduzida à condição de 'excluída'. As Fundações na sua acção social têm de ser as defensoras desta dignidade da pessoa humana para além das classificações fáceis de exclusão que provocam uma inaceitável marginalidade.

Uma segunda referência ética perdida pode ser encontrada no facto de que cada país se concentra exclusivamente na defesa dos seus próprios negócios, E se torna praticamente indiferente à total destituição da maioria da humanidade. Daí a importância do trabalho transnacional. Nessa perspectiva, o outro não é só o pobre, o excluído, mas também o portador de valores, o que expressa a riqueza de outra cultura.

Também aqui as Fundações, pela sua natureza específica, devem procurar formas de acção que não só salvem da exclusão mas permitam a cada excluído a exprimir a sua cultura inalienável.



A terceira referência ética que ao diluir-se sacudiu os fundamentos da sociedade e da civilização foi – tem sido – a euforia da acumulação e do consumo, conduzindo à competição desenfreada e à crescente erotização da violência. O terceiro sector e, de forma especial, as Fundações só podem fazer regressar essa referência ética na medida em que utilizarem uma outra lógica na sua própria acção. Delas esperam-se actividades sóbrias que se apresentam com contenção.

Poucos se preocuparam em dar corpo a essa agenda. Com a queda do muro de Berlim ficámos sujeitos à tirania da falta de alternativas.

É que nessa queda de referências éticas o mundo ficou vazio. Não se definiram objectivos, não se analisaram com cuidado as estratégias necessárias nem as finalidades últimas e as prioridades que elas requeriam. Empurrou-se Deus para fora da história. E julgou-se que com isso estava dita a palavra do fim da história. Retóricas sobre "liberdade e democracia", expressas com a mesma linguagem das revoluções fundadoras de há dois séculos, emanciparam-se da mensagem espiritual e das próprias raízes de liberdade e de democracia. Estamos perante a urgência de visitar os clássicos que ajudaram a construir os valores que cimentam a democracia. Aí a espiritualidade ganhava a força da consciência e alicerçava-se nos coros dos deuses.

No vazio actual ganham relevo as palavras de Gramsci que diz, melhor do que alguém o fez até agora, o momento trágico que o mundo está a viver:

*"O antigo definha,
o novo não consegue irromper;
neste interregno nascem os monstros.*

Quando as acções monstruosas surgem, são mais exigentes as análises a fazer, mais urgentes as perspectivas a abrir, mais rigorosa a necessidade de clarificação de termos.

Por isso julgo importante alguma reflexão sobre o próprio conceito de "pessoa humana como ser social" que não se limita, longe disso, a ver na pessoa humana o alvo da acção social.



A perspectiva do homem como ser social requer conceitos, atitudes e comportamentos que tentarei sintetizar.

As pessoas humanas vivem a sua plena humanidade quando se emancipam da sua mera existência de indivíduos para ganharem acesso à sua qualidade de sujeitos – sujeitos da sua própria história, fazedores da história a que pertencem. Nestes dias, a CNN interrompe com frequência o noticiário com um ‘spot’ da agência da ONU para a ajuda alimentar lembrando que, em cada dia, 800 milhões de pessoas estão a viver a tragédia da fome; as reportagens que nos vêm do Afeganistão mostram-nos paisagens lunares em que mulheres e crianças são varridas por pó e onde não se vê água nem abrigo; nessa sequência de imagens seguramente não deliberada a televisão ‘mostra’ para quem quer ver que esta tragédia é parte de uma tragédia pré-existente e de proporções gigantescas. Não reconheço a espiritualidade que se esquece de olhar o mundo à sua volta (mas o que é o mundo à nossa volta se tudo nos é presente em tempo real?). A lição espiritual que nos deve acompanhar pode encontrar-se nas linhas da poeta Sophia de Mello Breyner Andersen:

*“Ia e vinha;
e a cada coisa perguntava
que nome tinha.”*

Olhar o outro como ser social supõe ainda a definição exacta dos dados, dos factos, da situação de cada pessoa sem a massificar em números globais que nos aterram mas nada dizem de cada pessoa e a capacidade de extrair dessa definição as condições que estão faltando para que seja possível olhar com clareza o que se passa no mundo.

Assim julgo fundamental acentuar o carácter não religioso do atentado ... As imagens que nos trazem os media sobre manifestações muçulmanas não são argumentos convincentes. Não é aceitável como representativo do Islão o terrorismo bárbaro que se abateu sobre os EUA. Todas as religiões têm um ponto comum, a regra de ouro: "Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti, trata os outros como queres que te tratem". O suicídio anula a premissa fundamental desta regra de ouro. Ignora-o porque nega a vida, própria e alheia. Por isso é objectivamente a-religioso. O deus que é invocado pelos terroristas assassinos pertence às imagens de deus que a idolatria - e não a religião - gera. O Deus do Islão é, como o dizem os seus textos sagrados, "clemente e misericordioso". Invocá-lo em vão acaba por esvaziar o Islão da sua verdadeira dimensão religiosa. Também aqui a espiritualidade é chamada a exprimir a sua vivência.



Temos visto ao longo dos dias desdobrarem-se vários cenários que, neste momento incluem a procura tão completa quanto possível da rede terrorista, o congelamento das suas contas bancárias, a descoberta de quem vende armas aos terroristas.

Que novas formulações temos de elaborar? A espiritualidade que nos anima exige que vamos ao fundo das liberdades fundamentais, incluindo a da segurança pessoal e colectiva, e que nos libertemos do conceito de indivíduo para adoptarmos o de pessoa onde se atinge a mais radical e irredutível complexidade.

Entramos claramente e à vista de todos, num mundo mudado na sua forma de encarar as relações entre os povos.

Se as manifestações populares, por um lado, e a análise de cada um dos aspectos da globalização, por outro, já requeriam uma nova maneira de olhar os fenómenos da sociedade global e uma nova espiritualidade se esboçava, o atentado do dia 11 tornou essa tarefa um imperativo.

Não é que o mundo tenha mudado subitamente nesse dia. As dimensões do horror vieram mostrar que essa mudança tem de ser re-orientada e que é urgente que o mundo encontre em si mesmo o dinamismo que o faça procurar o bem para todas as pessoas.

Já não se trata apenas de relações entre Estados. A própria sociedade não se forja apenas no domínio nacional.

A sociedade forja-se nas esferas conjugadas da nação/região/mundo.

Este evento é o exemplo de que é possível entrosar essas três esferas e atingir assim um momentum em que as transformações são possíveis.

As características de cada um destes níveis torna ainda mais complexo o sistema a construir.

Está em causa a atenção constante aos acontecimentos nesses três níveis e à sua permanente interacção. Só essa atenção permite que as instituições respondam às necessidades dos seres humanos. Fortaleceu-se ao longo das últimas décadas do séc. XX o pensamento intuído por Simone Weil no seu livro "La pesanteur et la grâce". É claro esse pensamento:

"A atenção extrema é o que constitui no homem a faculdade criadora, e não há atenção extrema senão religiosa."



E vai ainda mais longe:

“A atenção, no seu mais alto grau, é a mesma coisa que a oração. Supõe a fé e o amor.”

A atenção vai tornar-se, na espiritualidade contemporânea, a raiz de que brota o sentido do outro, a capacidade de o olhar face a face (Emmanuel Levinas) e de iniciar o caminho conjunto que leva a poder dizer que se trata de “moi-même comme un autre « (Paul Ricoeur).

Está em causa não uma política feita por políticos espectadores mas feita por homens e mulheres capazes de imaginar uma regulação humana mais definida e mais transparente, mais controlada e mais eficaz, e, por tudo isso, mais democrática.

Entre estes actores, hão-de ser agentes todos os que no terceiro sector estão empenhados na construção da própria sociedade. As Fundações são aí, pelo altruísmo dos seus objectivos - e entendo aqui altruísmo no seu sentido etimológico, i.e., uma atitude que impregna todos os actos de um profundo sentido do outro - elementos determinantes.

Durante o período que se seguiu ao fim da Guerra Fria vivemos num mundo de transição, **Fundação Cuidar o Futuro** mas tivemos a ingenuidade de pensar que só os países saídos do comunismo é que se encontravam num período de transição. Ora a transição diz respeito ao mundo inteiro.

A tragédia do dia 11 assentou no que se pode considerar como o primeiro sinal dessa transição de âmbito global. Revelou-se a uma escala não imaginada a capacidade de pessoas, grupos, países até, se cruzarem, comunicarem entre si, estabelecerem sinergias nas auto-estradas do ciber-espaço e, a partir daí, constituírem verdadeiros "bunkers" imateriais.

O terrível pesadelo que o mundo tem estado a viver leva-nos de um domínio de "relações internacionais" que ligavam entre si os Estados e que se podiam realizar bilateral ou multilateralmente para um mundo de entidades políticas interdependentes em que figuram os Estados, as regiões, a comunidade internacional, o tecido empresarial e o terceiro sector na multiplicidade das suas expressões.



Estamos perante um sistema complexo planetário sem precedentes na história do mundo.

A não-territorialidade acrescenta à vulnerabilidade do mundo moderno uma dimensão inédita e com a qual não sabemos como lidar.

Mas essa não territorialidade pode tornar-se uma espantosa oportunidade para o terceiro sector. Cria sinergias, aumenta exponencialmente a informação, estimula o pensamento, dá forma a ideias até então imprecisas.

Também o conceito de tempo muda. A característica inteiramente nova da nossa época é que esse tempo se contrai já que vivemos no mesmo tempo real no mundo inteiro. A pessoa humana como ser social vive ao lado de todos os humanos no combóio da vida. Fernando Pessoa fala comovidamente dessa unidade no tempo:

*"Nós, no combóio a que chamamos vida
Somos todos casuais uns para os outros
E temos todos pena quando por fim desembarcamos."*

Um pequeno parêntesis para nomear o medo. As crianças perguntam aos pais e professores se no seu país os prédios altos vão cair. Desenham torres a serem cortadas ao meio por aviões. Mas também os adultos, todos os adultos, exprimem, cada um à sua maneira, esse medo. É importante falar dele. É falando do medo que ele pode ser exorcizado. O medo é o sentimento normal perante a irracionalidade, o desvario do assassinio em massa, o total desprezo do ser humano que transforma passageiros inocentes de um avião em bombas humanas. A coragem que é pedida a toda a humanidade não é o esconder do medo mas a capacidade de continuar a vida sem a esvaziar de sentido, redobrando no empenhamento na luta contra tudo o que pode provocar actos tão inesperados e devastadores.



A ESPIRITUALIDADE NUM TEMPO E NUM ESPAÇO DE GLOBALIZAÇÃO

É por isso que falo num mundo já mudado mas que o horror do dia 11 e o que se está seguindo revela de forma brutal. A consciência dessa mudança é particularmente aguda no que diz respeito à possibilidade de entender e viver a

espiritualidade num mundo atravessado pela globalização de todas as áreas da vida humana.

Na última década a globalização tornou-se não só uma nova maneira de relacionamento entre as várias áreas da actividade humana mas também um completamente novo relacionamento entre os povos e os Estados. Para uma espiritualidade do nosso tempo, é indispensável entender que a globalização coloca os humanos numa relação inédita na história. A evolução das ciências físicas conduz-nos à possibilidade de comunicar permanentemente à velocidade da luz. Tudo é presente a todos os humanos em todos os momentos em tempo real.

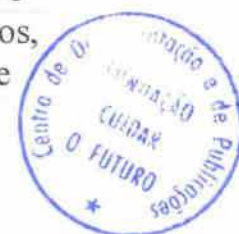
Há uma significação profundamente espiritual nesta revolução: tudo nos pertence, nós pertencemos a tudo.

Num primeiro nível, todos os humanos, todas as suas culturas, estão ligadas à nossa existência sem a mediação de tempos longos. A contemporaneidade é instantânea – está sempre a fazer-nos, se estamos atentos, ou a dissolver-nos, se nos enovelamos na indiferença do nosso pequeno mundo. Que enorme e acrescida presença ao mundo a nossa!

Esta nova condição vai necessariamente influenciar a estruturação da sociedade. O Mercado foi a estrutura que tornou visível essa presença instantânea. O Estado está ainda numa zona intermédia: por um lado, a nível local e nacional parece usar os meios de comunicação deste tempo mas, por outro, nas relações exteriores, no comportamento em relação às grandes questões da globalização, o Estado permanece ainda num mundo separado por fronteiras visíveis e invisíveis. O Terceiro Sector emergiu para as oportunidades da comunicação instantânea na última década e nos últimos anos fortaleceu a sua própria acção, que se tornou mais eficaz e que adquiriu um instrumento novo. Mas para que esse instrumento possa ser útil, alguns aspectos têm de ser observados, nomeadamente:

- só vale a pena comunicar o que é significativo;
- a comunicação deve ter resposta imediata;
- estabelecer redes de comunicação de áreas afins do terceiro sector;
- fazer circular informação específica das áreas do terceiro sector.

A comunicação instantânea é um apelo a uma espiritualidade de maior exigência, correspondendo não só à simples materialidade dos meios electrónicos mas também ao significado altamente simbólico desses meios. O ciber-espço, invisível como é, carrega uma imensa quantidade de informação



– fala da realidade do invisível, abre o espírito à dimensão do que não vemos e que, no entanto, nos envolve.

Vale a pena lembrar as grandes áreas da globalização e as exigências que põem às organizações do Terceiro Sector e, em particular, às Fundações. As grandes áreas da globalização:

1. No seio da comunicação instantânea e dos meios electrónicos que a tornam possível, há um apelo a reforçar o respeito do ser humano como ser social. O instrumento que nos é dado pelo nosso tempo não pode ser usado como um novo cavalo de Troia da dominação – pelo contrário, tem de aproximar os homens e estabelecer na prática as condições para a sua igualdade em dignidade e em direitos. Assim, os projectos das Fundações requerem que todos os que nelas participam colaborem na concepção das ideias, no planeamento, na execução, na avaliação. Só assim a ideia aglutinadora que justifica a existência de cada Fundação pode ganhar raízes e prolongar-se no tempo.
2. No domínio da economia e das finanças, as Fundações não podem pactuar com a desregulação destes sectores. Pelo contrário, a sua acção, tendo um valor em si própria tem de simultaneamente emitir um permanente alerta em relação à necessidade de regulação. A espiritualidade tem sempre uma componente de denúncia das situações que criam oprimidos e de anúncio do modo como essa opressão pode ser vencida.
 Só o terceiro sector pode ter força de convicção suficiente para que o mundo da economia e das finanças não esmague os desorganizados, os não-instruídos, os mais vulneráveis. É necessário criar condições para a modificação dos padrões de consumo e dos esquemas de produção. Para as Fundações nascidas do mundo empresarial é tanto um problema técnico como ético. A sua responsabilidade social tem aqui uma das componentes mais exigentes.
3. A área em que temos mais dificuldade em intervir é a que nos faz comungar com a natureza: a área dos bens comuns globais. Aí está o solo e as florestas, a água (rios, nascentes, oceanos), a atmosfera, o espaço para além da atmosfera. Tem sido lenta a compreensão de que a acção nestes domínios está articulada com a sobrevivência do planeta, das espécies e com a própria espécie humana.



O terceiro sector tem aqui uma tremenda responsabilidade. Cabe-lhe mostrar como a salvaguarda da natureza é parte da responsabilidade social de qualquer instituição. Mas cabe-lhe sobretudo tornar claro que, no nosso tempo, a espiritualidade exige que sejamos todos “intendentes bons e fiéis” do que nos foi dado.

ESPIRITUALIDADE E SER HUMANO COMO SER SOCIAL

A que novos paradigmas podemos recorrer para que a globalização não seja um caminho de destruição global?

Que forças novas, ainda não utilizadas, temos no mundo para que a espiritualidade adquira um novo rosto?

A aposta que tem guiado toda a minha vida concentra-se na convicção de que a espiritualidade constitui uma força de radical transformação da irracionalidade institucionalizada em que vivemos.

Quando falo de espiritualidade não me refiro ao sentimento religioso vindo da estrutura sociológica da sociedade em que vivemos.

Refiro-me a outra maneira de olhar a espiritualidade - entrozada no mundo, contribuindo para ajudar a forjar colectivamente uma nova sociedade, capaz de viver e exprimir uma nova sabedoria.

Referi no início a ligação entre os humanos. E dou-lhe agora um nome. É a ligação que nos vem de sermos parte da “noosfera” (Teilhard de Chardin), da comunhão dos humanos. Essa ligação é-nos tão vital como a que mantemos com o ar da atmosfera. “Respiramo-nos” uns aos outros, trocamos energia, apoiamo-nos.

Consequências importantes para o terceiro sector:

- O ser humano está para além do ser social como objeto de acção social
- A acção a realizar está para além da acção social como supletiva do Estado
- O olhar sobre o humano está para além do ser social visto apenas nas carências imediatas.

Somos uma camada de seres ligados uns aos outros, antes de qualquer outra consideração, anterior à solidariedade, princípio político da organização da



Fundação Cuidar o Futuro

sociedade e em que a principal responsabilidade cabe ao Estado. Vale a pena lembrar que neste contexto a solidariedade é uma qualidade cívica, ainda não espiritual.

Esta ligação conduz-nos ao “princípio responsabilidade”, fundamento da ética contemporânea, conceito desenvolvido sobretudo pelo filósofo alemão Hans Jonas. A responsabilidade surge como a capacidade de resposta, consequência do laço ôntico que nos liga na noosfera a que todos pertencemos porque existimos.

A ética do “princípio responsabilidade” vai desembocar numa ética menos baseada na justiça mas mais baseada no cuidado dos seres humanos uns pelos outros. É a ética do cuidado que já a filosofia de Martin Heidegger tornava presente, ao definir o ser humano como um ser decuidado. Só no nosso tempo e graças ao contributo da reflexão dos movimentos de mulheres a “ética do cuidado” começou a adquirir novo significado. O Terceiro Sector é um lugar privilegiado para o seu aprofundamento.

Vou terminar esta reflexão com um poema que me foi oferecido por um homem das artes, Antonino Solmer, e onde a ética da responsabilidade e do cuidado nascem no seio de uma situação que é metaforicamente a que o mundo está vivendo.

Fundação Cuidar o Futuro

*“os desalojados gritam à beira dos muros
nos surdos sons das raízes
incrustadas nos cimentos*

por todo o mundo se arrastam

*nos jornais do dia
os deportados de ontem
tinem nas bancas dos cambistas*

*corpos violados soam mais baixo
encostando o ouvido à terra
corações abafados pelas carnes harpejam espaçadamente
e pingam de sangue as avenidas*

*o chão das matas
o chão dos nossos quartos*



*sobre os maples os casacos dos refugiados
já não cabem nos cabides
nas árvores*

*à vista dos assassinados
sob os casacos o rumorejar
sobe nos peitos e prende-se
nas tramas cinzentas
entretecidas*

os corpos exalam acordes de uma escala inacessível

*fazem-se assim as nossa melhores sinfonias
as nossas vidas interrompidas*

como poderemos dá-las por terminadas deixando tanto por clamar?

*De tudo isto se faz o silêncio
E por isso nos comovem os sons ingénuos das crianças
doem
por isso nos laceram as frases sonoras dos que se fazem inocentes*

Fundação Cuidar o Futuro

*alguns operários da consciência tocam inequívocas flautas de sons claros
afinam com rigor a alma dos violinos”*



Aqui estamos operários da consciência.
Que sejam inequívocas as flautas de sons claros que tocamos.
E então afinaremos com rigor a alma dos violinos.

Maria de Lourdes Pintasilgo

(Porto Alegre, 4 Outubro 2001)